

ÉDOUARD LOUIS

ELSINORE

**PARA
ACABAR
DE VEZ
COM
EDDY**

«De uma força emocional devastadora.»

The New Yorker

BELLE GUEULE

*Pela primeira vez, o meu nome pronunciado
não nomeia.*

Marguerite Duras
Le Ravissement de Lol V. Stein

LIVRO 1

PICARDIA

(Fim dos anos 1990 – início dos anos 2000)

ENCONTRO

Da minha infância, não tenho nenhuma recordação feliz. Não quero dizer que, durante esses anos, não tenha experimentado sentimentos de felicidade ou de alegria. Simplesmente, o sofrimento é totalitário: tudo o que não entra no seu sistema, ele faz com que desapareça.

No corredor apareceram dois rapazes, o primeiro, grande, de cabelos ruivos, e o outro, pequeno, de costas arqueadas. O matulão de cabelos ruivos esscarrou *Toma lá nesse focinho.*

O escarro deslizou lentamente pela minha cara, amarelo e espesso, como aqueles mucos sonoros que obstruem a garganta das pessoas idosas ou dos doentes, de odor forte e nauseabundo. Os risos agudos, estridentes, dos dois rapazes *Olha como foi em cheio no focinho do filho da puta.* Desliza do meu olho até aos lábios, até entrar na minha boca. Não ousou limpá-lo. Poderia fazê-lo, bastaria passar com as costas da mão. Bastaria uma fração de segundo, um gesto minúsculo, para impedir o escarro de entrar em contacto com os meus

lábios, mas não o faço, com medo de que eles se sintam ofendidos, com medo de que se enervem ainda mais.

Não imaginava que o fizessem. No entanto, a violência não me era estranha, longe disso. Tinha visto, desde sempre, até onde vão as minhas recordações, o meu pai, bêbedo, à saída do café, a brigar com outros homens bêbedos, a partir-lhes o nariz ou os dentes. Homens que tinham olhado para a minha mãe com demasiada insistência, e o meu pai, sob o efeito do álcool, que explodia *Quem é que tu pensas que és, a olhares para a minha mulher dessa maneira, seu filho da puta*. E a minha mãe a tentar acalmá-lo *Acalma-te, querido, acalma-te*, mas as suas reclamações eram ignoradas. Os amigos do meu pai, que, a certa altura, acabavam por intervir, como mandavam as regras, isso é que era ser mesmo amigo, um *bom compincha*, a juntarem-se à luta para o separar do outro, a vítima da sua embriaguez, com a cara cheia de feridas. Via o meu pai, assim que uma das nossas gatas dava à luz as suas crias, meter os gatinhos acabados de nascer num saco de plástico de supermercado e bater com o saco numa esquina de cimento até ele ficar cheio de sangue e os miados cessarem. Tinha-o visto degolar porcos no jardim, beber o sangue ainda quente, que extraía para fazer morcela (o sangue nos seus lábios, no queixo, na t-shirt) *O melhor é isto, o sangue acabadinho de sair do animal a morrer*. Os gritos do porco em agonia, quando o meu pai lhe furava a traqueia, ouviam-se por toda a aldeia.

Eu tinha 10 anos. Era novo na escola. Quando eles apareceram no corredor, não os conhecia. Ignorava mesmo os seus nomes, o que não era frequente nesse pequeno estabelecimento escolar de duzentos alunos apenas, onde todos muito

rapidamente se conheciam. Vinham em passo lento, sorridentes, sem sinal de agressividade, de tal modo que, num primeiro momento, pensei que se vinham apresentar. Mas porque haveriam os grandes de me vir falar, a mim, que era novo? O pátio de recreio funcionava da mesma maneira que o resto do mundo: os grandes não se aproximavam dos pequenos. A minha mãe dizia-o, falando dos operários *Nós, os pequenos, não interessamos a ninguém, sobretudo aos grandes burgueses.*

No corredor, perguntaram-me quem eu era, se era eu o *Bellegueule* de quem toda a gente falava. Fizeram-me esta pergunta que depois repeti incansavelmente durante meses, anos,

És tu o paneleiro?

Formulando-a, inscreveram-na em mim para sempre como um estigma, essas marcas que os gregos gravavam com um ferro em brasa nos corpos dos indivíduos transgressores, perigosos para a comunidade. A impossibilidade de me desfazer delas. A surpresa foi fulminante, ainda que não fosse a primeira vez que me diziam tal coisa. À injúria, nunca nos habituamos.

Um sentimento de impotência, de perda de equilíbrio. Sorri — e a palavra *paneleiro* que ressoava, explodia na minha cabeça, palpitava em mim com a frequência do meu ritmo cardíaco.

Eu era magro, eles devem ter calculado que a capacidade de me defender era fraca, quase nula. Naquela idade, os meus pais chamavam-me muitas vezes *Esqueleto*, e o meu pai repetia continuamente as mesmas graçolas *Se não te pões a pau,*

voas com o vento. Na aldeia, o peso era uma característica valorizada. O meu pai e os meus dois irmãos eram obesos, assim como várias mulheres da família, e dizia-se de bom grado *Mais vale adoecer por comer muito do que morrer de fome.*

(No ano seguinte, cansado do sarcasmo da minha família acerca do meu peso, decidi engordar. Comprava pacotes de batatas fritas à saída da escola com o dinheiro que pedia à minha tia — os meus pais não poderiam dar-mo — e empanturrava-me. Eu, que tinha até então recusado comer os pratos demasiado gordurosos que a minha mãe cozinhava, precisamente com receio de ficar como o meu pai e os meus irmãos — ela exasperava-se: *Isto não te vai entupir o buraco do cu* —, passei de repente a devorar tudo o que me punham à frente, como aqueles insetos que se deslocam em nuvens e fazem desaparecer paisagens inteiras. Ganhei vinte quilos num ano.)

Começaram por me empurrar com a ponta dos dedos, sem muita brutalidade, sempre rindo, e eu sempre com o escarro na cara, depois cada vez com mais força, até eu bater com a cabeça contra a parede do corredor. Fiquei calado. Um deles agarrou-me nos braços enquanto o outro me dava pontapés, cada vez menos sorridente, cada vez mais sério no seu papel, exprimindo no rosto uma crescente concentração, uma acumulação de cólera, de ódio. Lembro-me: os socos na barriga, a dor provocada pelo choque da minha cabeça contra a parede de tijolo. É um elemento em que não se pensa, a dor, o corpo a sofrer de repente, ferido, martirizado. Pensa-se — perante cenas como esta, quero dizer: com um olhar exterior — na humilhação, na incompreensão, no medo, mas não se pensa na dor.

Os socos na barriga faziam-me sufocar e a minha respiração bloqueava. Abria a boca o mais possível para deixar entrar o oxigénio, inchava o peito, mas o ar não queria entrar; a impressão era a de que os meus pulmões tinham ficado subitamente cheios de uma seiva compacta, de chumbo. Sentia-os de repente pesados. O meu corpo tremia, parecia ter deixado de me pertencer, de responder à minha vontade. Como um corpo envelhecido que se liberta do espírito e, abandonado por ele, recusa obedecer-lhe. O corpo que se torna um fardo.

Riam quando o meu rosto ficava vermelho por causa da falta de oxigénio (manifestando o que é natural das classes populares, a simplicidade das pessoas vulgares que gostam de rir, *os felizes da vida*). As lágrimas subiam-me aos olhos mecanicamente, a minha vista turvava-se como acontece quando sufocamos com saliva ou um pedaço de comida. Eles não sabiam que era o sufoco o que me provocava as lágrimas, pensavam que eu estava a chorar. Perdiam a paciência.

Senti-lhes o hálito quando se aproximaram, aquele odor de leite azedo, de animal morto. Os dentes, tal como os meus, provavelmente nunca tinham sido lavados. Na aldeia, as mães não se preocupavam muito com a higiene dentária dos filhos. O dentista era muito caro e a falta de dinheiro acabava sempre por se transformar numa escolha. As mães diziam *Seja como for, há coisas mais importantes na vida*. Pago ainda hoje por essa negligência da minha família, da minha classe social, dores atrozes, noites sem sono, e haveria de ouvir, anos mais tarde, ao chegar a Paris, à École Normale, os colegas a perguntar-me *Mas porque é que os teus pais não te levaram a um dentista?* As minhas mentiras.

Responder-lhes-ia que os meus pais, intelectuais um pouco boémios, se preocuparam tanto com a minha formação literária que, por vezes, negligenciaram a minha saúde.

No corredor, o matulão de cabelos ruivos e o pequeno de costas arqueadas gritavam. As injúrias acompanhavam os socos, e o meu silêncio, sempre. *Paneleiro, bicha, rabeta, maricas, panasca, roto, larilas...* ou *o homossexual, o gay*. Às vezes, cruzávamo-nos nas escadas a abarrotar de estudantes, ou noutro sítio, no meio do pátio. Não me podiam bater à vista de todos, não eram assim tão estúpidos, poderiam ser expulsos. Contentavam-se com uma injúria, apenas *paneleiro* (ou outra coisa). Ninguém intervinha, mas todos ouviam. Penso que todos ouviam porque me lembro dos sorrisos de satisfação visíveis no rosto de outros, no pátio ou no corredor, assim como o prazer de ver e ouvir o matulão de cabelos ruivos e o pequenote de costas arqueadas a fazer justiça, a dizer o que todos discretamente pensavam e sussurravam quando eu passava, eu bem ouvia *Olha, é o Bellegueule, a bicha*.

O MEU PAI

Há o meu pai. Em 1967, ano do seu nascimento, as mulheres da aldeia não iam ainda ao hospital. Tinham os filhos em casa. Quando o deu à luz, a sua mãe estava no sofá impregnado de pó, de pelos de cão e de gato, de sujidade por causa dos sapatos sempre cheios de lama que não eram tirados à entrada. Na aldeia, há ruas, evidentemente, mas também numerosos *caminhos de terra* que ainda hoje são usados, onde as crianças vão brincar, ruas de terra e pedras, sem alcatrão, que seguem ao longo dos campos, passeios de terra batida que nos dias de chuva se assemelham a areias movediças.

Antes da escola, ia várias vezes por semana andar de bicicleta nos *caminhos de terra*. Prendia um pedaço de cartão aos raios da bicicleta para fazer o ruído de uma mota quando pedalava.

O pai do meu pai bebia muito álcool, pastis e vinho em embalagens cúbicas de cinco litros, como bebe a maior parte das pessoas na aldeia. O álcool que eles vão buscar à mercearia, que acumula ainda as funções de café, de tabacaria

e de venda de pão. É possível ir às compras a qualquer hora, basta bater à porta dos donos. Eles fazem o jeito.

O pai dele bebia muito álcool e, quando estava bêbedo, batia na mãe: virava-se subitamente para ela e insultava-a, lançava-lhe todos os objetos que tinha ao alcance da mão, por vezes até a cadeira, e depois espancava-a. O meu pai, demasiado pequeno, encerrado no seu corpo de criança enfezada, olhava-os, impotente. Acumulava o ódio em silêncio.

Tudo isto, ele não mo dizia. O meu pai não falava, pelo menos sobre estas coisas. A minha mãe encarregava-se disso, era o seu papel de mulher.

Uma manhã — tinha o meu pai 5 anos —, o seu pai partiu para sempre, sem avisar. A minha avó, que transmitia, também ela, as histórias de família (sempre o papel de mulher), tinha-mo contado. Ria-se disso, anos depois, feliz por se ter finalmente visto livre do marido *Saiu de manhã para o trabalho na fábrica e nunca voltou para a ceia, ficámos à espera dele*. Ele era operário de uma fábrica, era ele que levava o salário para casa e, tendo desaparecido, a família viu-se sem dinheiro, mal tinha com que dar de comer a seis ou sete crianças.

O meu pai nunca se esqueceu disso, dizia-me ele *Esse filho da puta do pior que nos abandonou, que deixou a minha mãe sem nada, quero que ele se foda*.

No dia em que o pai do meu pai morreu, 35 anos depois, estávamos nós na sala, diante da televisão, em família.

O meu pai recebeu uma chamada da sua irmã, ou do hospício onde o seu *genitor* acabou os seus dias. Essa pessoa ao telefone disse-lhe. *O teu — o seu — pai faleceu esta manhã, com um cancro, e sobretudo por causa da anca esmagada na sequência*

de um acidente, a ferida que degenerou, experimentámos tudo, mas não o conseguimos salvar. Ele tinha subido a uma árvore para cortar os ramos e acabou por cortar aquele em que estava sentado. Os meus pais riram tanto quando a pessoa disse essa frase ao telefone que foi preciso tempo para controlar a respiração. *Cortar o ramo onde estava sentado, esse idiota, só ele.* O acidente, a anca esmagada. Mal soube, o meu pai explodiu de alegria, disse à minha mãe *Até que enfim que estoirou, esse monte de trampa.* E também: *Vou comprar uma garrafa de vinho para festejar.* Festejava os seus 40 anos alguns dias depois e nunca tinha parecido tão feliz. Dizia que teria dois acontecimentos a celebrar com alguns dias de intervalo, duas ocasiões para *molhar a garganta.* Passei o serão com eles, sorrindo como uma criança que reproduz o estado em que vê os seus pais sem saber bem porquê (nos dias em que a minha mãe chorava, imitava-a sem compreender porquê, chorando também). O meu pai tinha mesmo sonhado em me comprar refrigerante e uns pequenos pastéis salgados pelos quais eu era louco. Nunca soube se tinha sofrido em silêncio, se sorria perante o anúncio da morte do seu pai como quem sorri quando lhe escarram na cara.

O meu pai tinha abandonado a escola muito novo. Tinha preferido as noites de baile nas aldeias vizinhas e as zaragatas que inevitavelmente as acompanham, as voltas de motorizada — dizia-se *pétrolette* — até aos lagos, onde passava vários dias e pescava, os dias na garagem a fazer modificações na motorizada, *quitar a mota*, para a tornar mais potente, mais rápida. Mesmo quando ia ao liceu, passava a maior parte do tempo suspenso por causa das provocações aos professores, dos insultos, das faltas.

Falava muito das zaragatas *Eu era um duro quando tinha 15 ou 16 anos, andava sempre à pancada na escola ou nos bailes e apanhava grandes carraspanas com os meus amigos. Estávamos a lixar para tudo, divertíamos-nos, e a verdade é que, nessa época, se a fábrica me despedisse eu arranjava outra, não era como agora.*

Tinha de facto interrompido o curso profissional no liceu para ingressar como operário na fábrica de peças de latão da aldeia, tal como antes dele o tinham feito o seu pai, o seu avô e o seu bisavô.

Os duros da aldeia, que encarnavam os tão celebrados valores masculinos, recusavam dobrar-se ante a disciplina escolar, e era importante para ele ter sido um duro. Quando o meu pai dizia de um dos meus irmãos ou dos meus primos que era um *duro*, eu percebia a admiração na sua voz.

A minha mãe anunciou-lhe um dia que estava grávida. Foi no início dos anos 90. Ia ter um rapaz, eu, o primeiro filho de ambos. A minha mãe já tinha dois do primeiro casamento, o meu irmão mais velho e a minha irmã mais velha; concebidos com o seu primeiro marido, alcoólico, que morreu de cirrose e foi encontrado dias depois, caído no chão, já com o corpo meio decomposto e a fervilhar de vermes, especialmente o seu rosto em decomposição, revelando a ossatura dos maxilares onde se agitavam larvas, um buraco do tamanho de um buraco de golfe no meio do rosto ceroso e amarelado. O meu pai ficou muito feliz com a notícia. Na aldeia, não importava apenas ter sido um duro, mas também saber fazer dos seus filhos uns duros. Um pai reforçava a sua identidade masculina através dos seus filhos, aos quais tinha o dever de transmitir os seus valores viris, e o meu pai

fá-lo-ia, ia fazer de mim um duro, era o seu orgulho de homem que estava em jogo. Ele tinha decidido chamar-me Eddy por causa das séries americanas que via na televisão (sempre a televisão). Com o nome de família que me transmitia, Bellegueule, e todo o passado que esse nome carregava, eu iria, portanto, chamar-me Eddy Bellegueule. Nome de um duro.

Criado no seio de uma família da classe trabalhadora, na Picardia, interior da França, Eddy não é igual às outras crianças. Os seus modos, a sua maneira de falar e a sua delicadeza valeram-lhe humilhações, ameaças e a incompreensão, tanto por parte dos colegas de escola, como do pai, «um duro», alcoólico e irascível, e da mãe, uma mulher cansada e alheada. Eddy cresce assim, preso na contradição de tanto gostar como odiar a pessoa que é, do fascínio e asco pelos seus desejos mais íntimos, de querer a liberdade de uma outra vida, mas nunca conseguindo colocar verdadeiramente de parte o seu amor pelos pais.

Primeiro romance de Édouard Louis, que lhe valeu o imediato aplauso da crítica e a fama internacional, *Para Acabar de Vez com Eddy Bellegueule* é um livro audacioso, feito de memória pessoal e de ficção, um romance temerário e franco, que procura responder à derradeira pergunta: como pode cada um de nós inventar a sua própria liberdade?

«Um romance de uma força e de uma verdade emocionantes.»

Annie Ernaux

«Uma história impressionante acerca da diferença e da adolescência.»




The New York Times

«O início de uma fulgurante carreira literária.»

The Washington Post



Penguin
Random House
Grupo Editorial

 penguinlivros.pt
  penguinlivros

ISBN 9789895649471



9 789895 649471 >